

Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ

Volume 1

Número 1

out./1983

Prefeitura Municipal de Joinville - P

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Dreti

Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ

Bibliotecária: Sarah Maria Isabel Gomes

Equipe de Trabalho:

Cesar Luis Dariva Moretti - Estagiário de História

Elly Herkenhoff - Historiadora

José da Silva - Auxiliar

Maria Thereza Böbel - Tradutora de Alemão

Ruth Verônica da Silva - Encadernadora

Waldete Fufrásio - Datilógrafa

SUMÁRIO

	página
I - Apresentação	1
II - Aspectos Socio-Culturais de Joinville - Sarah Gomes	1
III - Carl Constantin Knueppel; Fundador do 1º Jornal de Joinville - Elly Herkenhoff.	4
IV - Movimento de Pesquisa no AHMJ (jan. a jul.83)	6
V - Atendimento a usuários (jan. a jul. 1983)...	6
VI - Curiosidades traduzidas do KOLOMIF ZEITUNG - Maria Thereza Böbel.....	7

Arquivo Histórico Municipal de Joinville-AHMJ.

v.1- n.1- out. 1983- Joinville, 1983-

v. Bimestral.

I.Documentação. História de Joinville. Periódico.

CDU 002:9(816.42J)(05)

CDD 029.7098164005

Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ

Com esta publicação iniciamos a apresentação dos trabalhos desenvolvidos no Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ, que esperamos ter pleno sucesso, apesar da sua simplicidade, com 200 exemplares mimeografados, de periodicidade bimestral.

Procuramos sensibilizar as autoridades com a excelência da documentação de nosso acervo, coletado desde 20 de março de 1972, quando foi criado o AHMJ, na gestão do Prefeito Harald Karmann, sendo seu fundador e primeiro diretor Adolfo Bernardo Schneider, escritor e historiador de Joinville, sempre à frente de iniciativas culturais de vulto.

Há um ano estamos dando nova orientação e organização a esta entidade. Em setembro de 1982 começamos os espelhos e a desen- cadernação da coleção única do KOLONIE ZEITUNG (1862-1942) para mi- crofilmagem na UFSC¹, iniciada em fevereiro e terminada em setembro deste ano; tempo record se levarmos em conta que temos 1 estagiário da FURJ² trabalhando em meio expediente, nesse serviço.

Assim vemos nossa empresa cercada de êxito, com a inclusão do AHMJ no Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, e já levamos à UFSC o 2º jornal do acervo para microfilmagem, JOINVILLENSER ZEITUNG. (1895-1938) apesar das muitas faltas.

Continuamos nossa luta pela construção da sede do AHMJ já com a planta aprovada e local designado, que permitirá a desobstru- ção da Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin, que nos cede gen- tilmente, e em seu prejuízo uma de suas salas.

Modificamos o "Lay-out", separando estantes de escrivaninhas, estas junto às mesas entalhadas do primeiro Fórum de Joinville, com 8 lugares para usuários. Ocupamos 120m², mas precisamos de 360m² para organizar a documentação já existente, e podermos receber doações, durante mais 2 anos. Aguardamos a montagem de um jirau para melhorar o espaço físico insuficiente, e a instalação de um Laboratório de Restauração do Papel.

Recebemos da Prefeitura Municipal 4 estantes duplas, promea- tidas pelos Sr. Wittichl Freitag em sua visita ao AHMJ a 03/06/83.

Em setembro conseguimos prender na parede, livre com o novo arranjo das estantes, 153 quadros, até então empilhados por falta de espaço; iniciamos assim a catalogação de fotografias antigas de Joinville, paisagens, vistas, prédios, personalidades ilustres ou simples cidadãos, diplomas e cartazes que lembram eventos de nossa terra.

A 08/04/83 Sarah Gomes do AHMJ foi designada para inventa- riar o acervo da Casa Fritz Alt, junto com Afonso Innhof e Ralf Sell, do Museu Arqueológico do Sambaqui, tendo sido entregue o inventário em ordem alfabética a 19/04/83.

Nosso intercâmbio com o Staatsarchiv Hamburg (Arquivo ^{Hamburgo} Estadual de Hamburgo) nos propiciou as listas de imigrantes desde o início da

1 - Universidade Federal de Santa Catarina

2 - Fundação Educacional da Região de Joinville

colonização de Joinville. Compilamos os dados dos imigrantes conferindo 2 listas: a do porto de Hamburgo (assinada pelo Comandante do navio) e a da chegada à Colonia Dona Francisca (Joinville) assinada pelo Administrador da Colonia; anotamos a profissão, idade, religião, nome da esposa e filhos (com respectivas idades). As listas são manuscrita em alemão, letra latina e gótica; posteriormente os dados serão colocados em fichas com entrada pelo sobrenome de cada imigrante. A pesquisa exaustiva abrange o período de 1851 a 1889, nos anos subsequentes vieram poucos imigrantes, e estamos estudando a maneira de compilar seus dados.

Cooperamos com o 62º Batalhão de Infantaria na pesquisa de sua história e comparecimento às reuniões mensais, para a criação da Galeria Histórica do Batalhão "Francisco de Lima e Silva", denominação atual do 62º BI; cujo estandarte foi doado pelos cidadãos de Joinville em cerimônia comemorativa do seu aniversário dia 02/05/83.

Estamos selecionando as várias músicas do acervo para posterior catalogação e classificação.

As fotografias são selecionadas, e arquivadas em caixas de papelão para reconhecimento por pessoas de nossa cidade em reunião mensal, a começar logo que o jirau esteja terminado. Atualmente fichamos a fotografia já identificada com todos os dados. A entrada é por assunto igual à dos documentos, recortes de jornais e personalidades ilustres.

Os Documentos, Recortes de jornais, Personalidades Ilustres, e Fotografias são arquivados em caixas de papelão, com classificação alfa-numérica, em que a letra é D, R, P, F, respectivamente, seguida da letra do assunto e do número dado ao assunto; a numeração é decimal, de 10 em 10 números, com remissivas. A Classificação obedece à Organização de Arquivos

Assim temos C-300= Casas Enxaimel, C-310= Casas Típicas xx Casas Enxaimel. RC-300 é um Recorte de jornal, DC-300 é um Documento, PC-300 Personalidade ilustre, FC-300 Fotografia, todos referentes a Casas Enxaimel.

Os mapas são arquivados em 1 única mapoteca; insuficiente para a quantidade de mapas e plantas; estes estarão na classificação de arquivo como Ma e Pl, seguidos do número do assunto (local) a que se referem.

Temos Diários Oficiais do Estado (SC) e da União, encadernados e arquivados por ordem de data; os da União desde 1900.

As leis da União, do Estado e do Município, são encadernadas e arquivadas por ordem de data.

Os livros serão classificados pela CDU; nossa biblioteca é especializada em História, notadamente de Joinville, e da região nordeste de Santa Catarina, uma vez que Joinville é o centro cultural e econômico desta região.

A FURJ e o AHMJ desenvolvem o Projeto Universidade-Arquivo-Comunidade, integrando-se na região, e desenvolvendo um trabalho em conjunto.

O AHMJ integra junto à Fundação Cultural de Joinville com a FURJ e a UFSC o Projeto Pró-Memória, fazendo o Inventário das Correntes Imigratórias da região, coletando dados sobre os construtores, moradores e proprietários das casas inventariadas, dados estes que serão confrontados com os nomes das listas de imigrantes numa pesquisa futura.

Agradecemos ao Eng. Paul Helmuth Keller a planta do AHMJ, à Profª. Raquel S.Thiago o apoio irrestrito e indispensável aos trabalhos de microfilmagem, ao Sr. Wittich Freitag o incentivo e desafio, ao Prof. Miraci Dereti a atenção às nossas solicitações ousadas, à Dra. Esther Caldas Bertolotti o estímulo, à Dra. Lia Temporal Malcher o estágio de restauração do Papel no AGRJ, à Dra. Mercedes Reis Pequeno, que nos abriu as portas da Seção de Música do Arquivo Sonoro da BN, e em especial aos colegas da Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, e Biblioteca Pública Municipal Rolf Colin.

Sarah Maria Isabel Gomes

CRB/7-2861

Aspectos Sócio-Culturais de Joinville

O Município de Joinville foi criado pela Lei Provincial n. 588 de 16 de março de 1868. Antes era regido por leis da Comuna da Colonia (Coloniegemeinde). A Colonia era dividida em distritos, cujos representantes formavam uma especie de procuradoria (Vertreterschaft).

Joinville foi fundada nas terras do dote da Princesa Dona Francisca (filha de D. Pedro I), casada com o Príncipe de Joinville (filho de Luis Felipe, Rei de França). D. Pedro II, seu irmão, incentivava a imigração alemã, devido à sua origem austríaca; a escravatura estava no fim, e o Brasil precisava ser povoado por gente de tradição, que tivesse apego ao solo, como os imigrantes alemães. Nosso clima propício ao europeu, favorecia a vinda de colonos.

Para a vinda de imigrantes foi criada a Sociedade Colonizadora de Hamburgo de 1849 (Colonisations Verein von 1849 in Hamburg), cujo presidente, Senador Christian Mathias Schröder, firmou um contrato a 5 de maio de 1849 com Léonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville.

O contrato foi estipulado pelo próprio príncipe, e suas cláusulas exigiam amparo e assistência aos colonos imigrantes. Seriam assistidos por professores e sacerdotes (protestante e católico); muito diferente dos lusos-brasileiros, descendentes dos paulistas de S. Vicente, fundadores de São Francisco, dos quais havia alguns aqui, largados à própria sorte.

Era necessário estudar as possibilidades de ambientação porque uma vez paga a passagem de ida, e suportada a viagem transoceânica, (difícil, em galera de 3 mastros da época), poucos teriam condições de pagar a passagem de volta e retornar à pátria de origem.

A Sociedade Colonizadora informava sobre a situação local, clima, condições, doenças tropicais, plantio, o que podia ser plantado aqui, e o custo de uma plantação.

A Sociedade era responsável pelas mínimas condições de sobrevivência, moradia, alimentação, até que os colonos se bastassem a si próprios.

Responsabilizava-se também pelos meios de comunicação (estradas e margens dos rios) e tornariam navegável o Rio Cachoeira com a retirada de pedras e outros obstáculos que impedissem sua navegação.

O Governo Brasileiro deu carta branca à Sociedade quanto à assistência aos imigrantes, não cobrou taxa de alfândega nem taxa portuária dos navios que transportavam imigrantes ou ferramentas e utensílios úteis ao seu trabalho. Mas era proibido aos colonos o uso de escravos o que preservou os hábitos e costume regionais.

Foi contratado o Eng. Hermann Günther para administrar a colônia, que, depois de escolher local perto do rio, mandou construir arranchamentos de taipa cobertos de sapé para receber os imigrantes.

Construiu-se uma picada para Curitiba (subida da serra); a viagem para São Francisco era feita por barco a remo, durante 1 dia de ida, 1 dia de volta, para não cansar os remadores. Aubé trouxe seu cozinheiro, Louis Duvoisin.

Junto com Günther veio Julie Engell, professora berlinense, que pintou várias vistas de Joinville, melhoradas, que serviam de propaganda da Colônia, na Europa e Alemanha.

A 9 de março de 1851 chegaram os primeiros imigrantes: alemães, suíços e noruegueses; estes últimos voltaram na sua maioria, pois iam em busca de ouro na Califórnia, quando um imprevisto mudou seu rumo para a Colônia Dona Francisca. Os noruegueses repartiam o trabalho e o lucro auferido em cooperativas; a produção de um era de todos. Os alemães, mais reservados, lutavam sozinhos.

No mesmo ano de 1851 chegou o brigue Gloriosa, com oficiais do exército, homens cultos, sras. e srts., não afeitos às lides rudes do campo, muito menos da mata virgem tropical, mas com eles veio a cultura! Ottokar Doerffel, ex-burgomestre, veio para cá em 1854, como tantos outros, depois dos movimentos revolucionários na Alemanha.

Estes homens cultos fundaram o Templo Maçon e as primeiras Sociedades, nos moldes das européias; habituados às artes e à boa música, fundaram em 1858 a Sociedade Harmonia Lyra (Harmonie Gesellschaft), musical, teatral e recreativa. No mesmo ano fundaram a Sociedade de Ginástica de Joinville (Deutscher Turnverein zu Joinville), depois a Sociedade de Atiradores (Schützen Verein Joinville) para esporte e treino de tiro, a Sociedade de Canto Helvetia e a Liga de Cantores (Sängerbund). Em 1862 é publicado o Kolonie-Zeitung, 1º jornal impresso, procedido pelo manuscrito "Der Beobachter am Mathias Strom" de 1852.

O desenvolvimento chegou com a construção da Estrada Dona Francisca, que ligou Joinville a Curitiba, e proporcionou a paranaenses e Joinvillenses a industrialização e comércio da erva-mate. Antonio Sinko, paranaense radicado em Joinville instalou aqui os 3 primeiros engenhos crvateiros em 1877.

Surgiram firmas exportadoras, principalmente de erva-mate, e, em 1890 a Sociedade Industrial Catharinense, depois Companhia Industrial, que teve como principais acionistas: Ccl. Ernesto Canac, Cel. Procópio Gomes de Oliveira, e Abdon Batista (médico baiano).

Joinville foi um dos primeiros municípios do Brasil a ter aparelhos de telefone instalado pela firma Grossenbacher & Trinks em 1 de dezembro de 1907.

A energia elétrica foi inaugurada em 1909 pela empresa de Luz e Força de Joinville fundada por Domingos da Nova.

Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ

Assim, em fins do século XIX até a segunda década do século XX, foi dada a arrancada na vida econômica e política de Joinville por lusos brasileiros e teutos, com indústrias têxteis, fundição, laticínios, e oferta de serviços. Contribuição do Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ à 2ª reunião da Comissão de Patrimônio Histórico para iniciar pesquisa de campo com estagiários da FURJ e UFSC.

Aspetos Bibliográficos

GOMES DE OLIVEIRA, Carlos. Integração. Aguardando publicação.

HERKENHOFF, Elly. Joinville ontem e hoje. Joinville, AHMJ, 1981. 76 p.

Julie Engell. Blumenau em cadernos. Blumenau 18 (2):51-6, fev. 1977.

RODOWICZ-OSWIECIMSKI, Theodor. Die Kolonie Dona Francisca in Süd-Brasilien. Hamburgo, J.H. Nestler und Melle, 1853. 166 p.

S. THIAGO, Eneida Raquel. Joinville. In: MACHADO LOPES, Mariléia Gastaldi (coord.) Projeto ação integrada comunidade-escola. Joinville, FURJ, 1983. 120. p.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. A formação das sociedades na Colônia Dona Francisca (hoje Joinville). s.n.t. 16 p.

Agradecimentos

Agradecemos aos funcionários do AHMJ, nossos colegas de trabalho, Elly Herkenhoff-historiadora, José da Silva-auxiliar, Thereza Böbel - tradutora de alemão, Waldete Eufrásio - datilógrafa.

Joinville, 29 de julho de 1983.

Sarah M.I. Gomes
CRB/7-2861

Carl Constantin Knueppel;
Fundador do 1º jornal de Joinville

Elly Herkenhoff
Historiadora do AHMJ

Foi Carl C. Knueppel o fundador do primeiro Jornal lançado aqui em Joinville, a 2 de novembro de 1852, vinte meses após a chegada dos primeiros colonizadores do então nascente Schroedersort (Vilarejo de Schroeder), na Colônia Dona Francisca. O jornalzinho, escrito a mão em papel de carta duplo, era vendido a 320 réis segundo uns e a 100 ou 120 réis segundo outros autores, sendo que parte da importância apurada cabia ao redator, outra ao copista. O número de exemplares de cada nova emissão dependia da procura e, ao que parece, os folhetos eram avidamente disputados pelo público leitor.

Não se sabe, infelizmente, da existência de nenhum exemplar da tão curiosa - e tão preciosa - publicação, já que a única peça ainda remanescente há uns 30 anos, no "Zeitungs-Museum" de Aachen, Alemanha, extraviou-se durante a II Guerra Mundial. Apenas existe, aqui em Joinville uma reprodução, meticulosamente restaurada, da primeira e da quarta página, do número editado.

É certo, porém, que o redator Knueppel - que, segundo Alexandre Haas, estudara teologia na Alemanha - foi pessoa de grande cultura e apresentava, além de artigos de interesse geral, sugestões e ensinamentos aos colonos, assim como também criticava, sarcasticamente, o que achava que merecia crítica, contava anedotas e piadas e é de se crer que o tenha feito com muito espírito, uma vez pela escolha do nome do jornal, demonstrara esplêndida dose de humor.

Chamava-se o jornal, "Der Beobachter am Mathias-Strom", isto é, "O Observador às Margens do Rio Mathias". Ora, o nosso Mathias, que recebera o nome em homenagem ao Senador Christian - Mathias Schroeder, de Hamburgo, e que atravessava - quase sempre pachorrentamente - o "centro" da Colônia, não passava então, assim como hoje não passa, de modesto riacho ou, quando muito, de um ribeirão. Assim, o nome adequado do jornal seria "Der Beobachter am Mathiasbach", isto é, "O Observador às Margens do Ribeirão Mathias - mas Knueppel não se satisfiz com o BACH", decidiu-se pelo "STROM"!...

É que existem, em alemão, dois nomes para definir um rio: "Fluss" e "Strom". Um curso de água mais volumoso que um ribeirão é um "Fluss". O Cachoeira é um "Fluss", o Itajaí, o Pelotas, o Tietê. Mas uma torrente de água de potência do Rio Paraná por exemplo, não é mais um "Fluss" - já é um "Strom". Assim, o Amazonas é um Strom, o Tocantins, o S. Francisco, o Nilo, o Mississipi - enfim, todos os imensos rios do mundo se definem como "Strom".

Daí o nosso, muito nosso "Mathias-Strom"...

Existe um detalhe curioso e de grande importância no caso de Carl C. Knueppel; a palavra "Knueppel" significa "porrete" em português e vários são os ditados, os provérbios, as expressões ligados à palavra "Knueppel". Assim, existe o ditado: "Der Knueppel

liegt immer beim Hund", isto é "o porrete está sempre junto ao cão", significando que alguém faz ou deixa de fazer alguma coisa, forçado pelas circunstâncias. Há também o provérbio; "Wer Voegel fangen will, wirft nicht mit Knueppel darunter", isto é, "quem quiser apanhar pássaros, não atira porretes no meio deles. A expressão "jemanden einen Knueppel zwischen die Fuesse werfen", isto é, atirar um porrete entre os pés de alguém", é criar obstáculos a alguém, para prejudicá-lo. "Mit Knueppeln dreinschlagen", isto é, "meter os porretes", é empregado no sentido de "meter o pau", para resolver algum problema. Existe a palavra - adjetivo e advérbio - "Knueppeldick", isto é, "da grossura de um porrete" e é usado, em linguagem popular, no sentido de "profuso, em demasia", como por exemplo: Die Reklamationen kamen Knueppeldick", isto é, "as reclamações vieram aos montes". Ou então; "ich habe es Knueppeldick" o que significa, também em linguagem popular: "para mim chega".

Sem sombra de dúvida, o nosso jornalista pioneiro, com aquele "esprit" que lhe é atribuído, usou e explorou fartamente tais idiomatismos no seu "Beobachter", sobretudo quando se dispunha à crítica, o que ocorria com frequência. E não há dúvida, por outro lado, que inúmeros foram os trocadilhos, as piadas, as chachas criados pela população, em torno de Knueppel, figura das mais conhecidas na Colônia, mas, devido às suas críticas, nem sempre visto com muita simpatia.

E no entanto, ao depararmos com o "artigo de fundo" na primeira página do primeiro número do "Beobachter", uma faceta extremamente simpática da complexa personalidade do jornalista se nos revela. Não é - ainda - o humorista por excelência, o crítico irreverente que nos fala. É o imigrante Knueppel - somente o imigrante - sensitivo, místico e profundamente humano. É o recém-vindo representante de toda uma coletividade ou, antes, de um determinado grupo de imigrantes oriundos dos países de língua alemã, cultos e idealistas, que para aqui vieram, após os movimentos revolucionários que ensanguentaram a Europa no meado do século passado, ou então vieram em consequência do rumo desastroso que havia tomado a Guerra Teuto-Dinamarquesa.

A parte do artigo - todo redigido no estilo da época, segundo as normas de ortografia alemã então ainda em vigor e escrito na difícil letra alemã então em uso² - diz o seguinte:

"Demos adeus às plagas do torrão natal... ah, doloroso adeus! Apoderou-se de nós e consigo nos arrastou a grande corrente da desconfiança e do fracasso.

Não tinha espaço para nós a terra que fez a felicidade de nossos pais e que amávamos mais do que o nosso sangue? O que foi - e continua sendo - que nos expulsou, aos milhares, da idolatrada e inescquecível pátria?

É a vontade de uma Providência onisciente e insondável, que generosamente se revela sempre que um coração torturado ansia por mitigação e que, pródigo, estende a sua mão, onde existe alma em desespero.

Eu te saúdo, minha Nova Pátria!...

1 - Museu de jornais de Aachen, mais conhecido no Brasil como Museu de Aixa Chapelle.

2 - Letra gótica; a manuscrita difere da impressa.

(Artigo publicado em A NOTICIA, Joinville, de 21/01/76 sem o sub-título, colocado agora, em razão do interesse do AHMJ na divulgação de informações sobre os jornais de Joinville.)

Continua no próximo número.

Movimento de Pesquisa no AHMJ (jan. a jul. 1983)

Teses:

Abdon Baptista; coronelismo em Joinville - Prof. Raquel S. Thiago.

Comércio e Indústria Germano Stein S/A - Prof. Rufino P. de Almeida.

Pesquisas:

Família Imperial do Brasil - Alfredo Boehm.

História de Joinville - Carlos Gomes de Oliveira (Senador).

História de Joinville - Elly Herkenhoff (Historiadora).

Genealogia da Família Birkholz - Ana Thereza Birkholz Correa.

Prefeitos de Joinville - Século XIX - Elly Herkenhoff (Hist.).

Prefeitos de Joinville - Século XX - Prof. Dunia de Freitas Toaldo.

Pirabeiraba - Ana Carolina Muller.

Urbanismo em Joinville - Tendências - Arno Kumlchn.

Visitas de 4 classes do 1º grau para trabalhos dos colégios: Santos Anjos, Bom Jesus, e Colégio de Aplicação da FURJ.

Atendimento a Usuários (jan. a Jul. 1983)

Diários Oficiais.....	59	
Genealogias.....	9	
Geografia.....	20	
História.....	17	
Imigrantes (listas).....	3	
Jornais.....	74	
Diversos.....	119	
Visitas.....	30	TOTAL..... 331

Curiosidades traduzidas do KOLONIE-ZEITUNG

Thercoza Bübel (Trad.)

KZ 04/07/1863 - Notícias do interior: os estados do Ceará e Alagoas queixavam-se de longas e ininterruptas chuvas e grandes inundações, que já provocaram grandes prejuízos. (p.59).

KZ 30/06/1863 - Um cachorrinho como sorridente herdeiro: de Curitiba veio a notícia que a viúva Filomena Brustolin legou a seu cachorrinho de estimação Fido, uma casa de cujas rendas ele terá assegurada sua alimentação e moradia. O testamento, segundo a nota, está registrado no Tabelionato Ribeiro na Praça Tiradentes, em Curitiba. A previdente senhora acaba de falecer e o cachorrinho toma posse de sua herança. (p.77)

KZ 18/06/1864 - Em 1864, a Colonia Dona Francisca, município de São Francisco, fundada em 1851 nas terras do Príncipe de Joinville, por colonos alemães contava com 4.120 habitantes, dos quais 3.374 protestantes e 746 católicos, dentre aqueles 701 naturalizados. Nasceram no ano de 1863, 182 pessoas e morreram 81. Houve 6 casamentos católicos e 34 protestantes. O desenvolvimento da colonia foi bom, apesar da agricultura sofrer prejuízos com a geada de 1862 e as pragas de outubro. A colonia possuía 1 igreja católica, 1 templo protestante, 2 paróquias, 3 escolas públicas, 1 sala de júri e 785 casas, a maioria de madeira, algumas de alvenaria, com 881 construções anexas, além disso, havia 28 engenhos de açúcar, 67 engenhos de farinha, serrarias, charutarias, cervejarias e fábricas de vinagre, olarias impressora, 70 carroças de 4 rodas, e mais de 200 profissionais. Para continuar progredindo, era necessário (urgente mesmo): a abertura do porto de São Francisco e a instalação, lá, de uma alfândega, a conclusão da estrada para Curitiba e a construção de uma estrada para Blumenau.

KZ 21/12/1863 - Numa audiência no Vaticano, o Papa escandalizou-se com a toilette de algumas senhoras. Exortou-as seriamente a não procurarem compensar a escassez de roupa na parte de cima com o excesso na de baixo. Para varrer as ruas ele tem operários próprios, e não precisa para isso da ajuda do belo sexo.

KZ-19/05/1892. p. 1. Transcrição literal do texto original em português e alemão (bilingue)

"A Intendencia Municipal desta Cidade de Joinville faz saber, que em sessão do dia de hoje determinou que como limites d'esta Cidade serão considerados:

Pelo lado d'Este o rio do Caxocira e a estrada de D. Francisca¹ até inclusive os terrenos de Lepper. Pelo lado de Norte a rua de Pastor², os terrenos da rua de Norte inclusive Riekes³, a rua dos Gymnasticos até a rua de Loja⁴.

Pelo lado d'Oeste a rua de Loja⁶, os terrenos da rua de Meio⁵ inclusive Etzold⁸, a rua de Storrer a rua de Alcmão⁷ até o rio de Mathias.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

Pelo lado de Sul uma linha, da ponte sobre o rio de Mathias na rua de Allemão até a ponte sobre o rio Jaguarão⁹ na rua de S. Catharina¹⁰ e a rua de Hamburg¹¹ até o rio de Cachocira.

E para que chegue ao conhecimento de todos os interessados mandou-se lavrar o presente edital que será affixado e publicado pela imprensa.

Sala das sessões da Intendencia Municipal de Joinville, em 16 de Maio de 1892.

Antonio José Ribeiro

Henrique Walter

Henrique Haensch

João Gottlieb Stein

Bernardo Bembs"

Pesquisa de Ruas Antigas de Joinville feitas no Mapa de Joinville de 1895, do acervo do AHMJ.

- 1- Atual esquina das Ruas D. Francisca e Princesa Isabel
- 2- Atual rua não foi identificada no mapa
- 3- Atual rua não foi identificada no mapa
- 4- Início da atual Rua Blumenau
- 5- Atual Rua XV de novembro
- 6- Atual Rua Henrique Meyer
- 7- Atual Rua Visconde de Taunay
- 8- Atual Ribeirão Matias, no centro da cidade
- 9- Atual Rua São Paulo
- 10- Atual Av. Getúlio Vargas
- 11- Atual Rua Plácido Olympio de Oliveira

Arquivo Histórico Municipal de Joinville - AHMJ
Praça Lauro Müller, s/n - Tel.: (0474) 22-2154
Caixa Postal D-100 - 89200 - Joinville - SC - Brasil